

Convido todos os presentes para, de pé, ouvirem o Hino Nacional e, em seguida, o Toque de Silêncio, em homenagem a Ulysses Guimarães.

(São executadas, nas galerias, o Hino Nacional e o Toque de Silêncio. Faz-se um minuto de silêncio.)

**O SR. PRESIDENTE** (Mauro Benevides) — Excelentíssimo Senhor Doutor Itamar Franco, Vice-Presidente, em exercício no cargo de Presidente da República, depositário, hoje, das esperanças do povo brasileiro, para a ultrapassagem das dificuldades registradas na área econômico-social do nosso País;

Exmº Sr. Deputado Ibsen Pinheiro, Presidente da Câmara dos Deputados, com quem divido as responsabilidades de comandar o Congresso Nacional, Presidente que é S. Exº de uma das Casas do nosso Parlamento;

Exmº Sr. Ministro Sydney Sanches, figura exponencial da magistratura brasileira, Presidente do Supremo Tribunal Federal;

Exmº Sr. Governador do Distrito Federal Joaquim Roriz;  
Exmº Sr. Governador de Goiás Dr. Íris Rezende;

S. Emª Revma., o Cardeal de Brasília Dom José Freire Falcão;

Exmº Sr. Presidente do Conselho Interparlamentar Michael Marchal, em quem saúdo todas as delegações estrangeiras que ocupam o andar superior do plenário da Câmara dos Deputados;

Exmºs Srs. Ministros de Estado;

Exmºs Srs. Embaixadores;

Exmºs Srs. Ministros dos Tribunais Superiores;

Exmº Sr. Dr. Tito Henrique da Silva Neto;

Exmª Srª Celina Campelo, demais parentes de Ulysses Guimarães;

Srs. Congressistas:

Reservou-me o destino, ao longo desses dois anos, às vezes o ónus difícil, às vezes o privilégio honroso, de ocupar a cadeira da Presidência do Congresso como tribuna de alguns dos mais importantes pronunciamentos da vida parlamentar do País.

Nesta manhã, porém — perdoem-me os nobres colegas e ilustres convidados —, não sei se falará mais alto o tom oficial e solene da homenagem que lhe prestamos, ou a voz comovida e pungente do coração, dos sentimentos pessoais que confundem a própria memória dos meus passos políticos com a memória de Ulysses Guimarães.

Ainda há poucos dias, um de nossos companheiros, repetindo a pergunta perplexa do herói de um dos romances de Gilberto Amado, que não podia compreender o mundo sem Emílio — protagonista maior da aventura novelesca daquele escritor —, indagava também: — Como poderemos compreender o nosso Brasil, o nosso Congresso, o nosso mundo político, sem Ulysses Guimarães?

Esta Casa, como os últimos 30 anos da vida pública brasileira, está povoada não apenas com a presença cívica, moral e espiritual do grande homem que perdemos, mas até pela lembrança viva de sua imagem física, a serena evocação do seu rosto inconfundível, os seus olhos de vidente político, seu perfil delgado de Dom Quixote da democracia. Para onde nos voltarmos, nos corredores e nas salas que diariamente percorremos, parece surgir-nos pela frente o vulto inesquecível de Ulysses Guimarães. Cada um de nós, ao contemplar sobre este imponente recinto, sobre outras dependências onde ele foi o mestre dos pareceres, dos votos e da própria Consti-

tuição que nos rege, não pode deixar de estremecer diante da impressão de que entre nós há uma cadeira vazia. De que falta alguém nos gabinetes e nos corredores da Câmara e nas bancadas do plenário. Falta Ulysses Guimarães.

Na verdade, Srs. Congressistas, não me acode à mente, depois que ele nos deixou, expressão mais correta que aquela do celebrante das exéquias de Felipe II, na capela do Escorial: “Aquele que era até ontem a maior presença da Espanha, é hoje a sua mais alta ausência”.

Presença mais alta de nossa vida nacional, Ulysses Guimarães é hoje a mais alta ausência neste País.

Os escritores e artistas de Viena se reuniram uma vez para escolher uma legenda que deveriam inscrever no monumento de um dos heróis de sua cidade. Afinal, escolheram uma frase: “Sempre o mesmo”. Se tivéssemos que cunhar uma inscrição em monumento a Ulysses Guimarães, creio que nenhuma outra seria mais adequada. Ele foi sempre o mesmo, em toda a sua carreira política, sempre fiel à bandeira que abraçou, desde os dias de estudante, sem outra ambição que há de servir à liberdade e à democracia. Seus primeiros e últimos passos na vida pública, iniciada com a redemocratização do País, após a queda do Estado Novo, em 1945, foram um gesto de fidelidade permanente ao primeiro partido que escolheu — o nosso velho e glorioso PSD —, talvez a mais alta escola de sabedoria política da história republicana. Quando o arbítrio do regime autoritário determinou a mudança da sigla partidária, foi ele um dos protagonistas maiores da nova legenda que abrigaria os correligionários da primeira hora, sob a sigla do MDB e, depois, do PMDB.

Sucedeu a Oscar Passos, como segundo Presidente do MDB. Desde então, tive o privilégio de ser sempre por ele convocado para a Executiva Nacional do Partido. Só deixou sua presidência quando entendeu que deveria partir para novas batalhas — a campanha do parlamentarismo, entre elas — a fim de consolidar a unidade da agremiação. Da mesma forma, Presidente da Câmara tantas vezes quantas convocado pelos companheiros, nessa condição cumpriu a missão histórica de presidir a Assembléia Nacional Constituinte. Ocupando a seu lado a vice-presidência do órgão que nos daria a Carta Magna regedora de nossas instituições, aprendi a conhecer e admirar, a cada dia, a dedicação com que sacrificou suas horas e seus minutos a essa obra que alicerça a estabilidade do regime político e jurídico da Nação.

Nos últimos meses, o infatigável batalhador não se deu ao repouso dos guerreiros, entregou-se a uma nova campanha e, presidente nato de todas as aspirações e das instituições que sabiamente comandava, partiu para a campanha do plebiscito que pretende propor ao País o regime parlamentarista.

Estariam enganados os que supusessem ser nele a flama política apenas um idealismo romântico, alheio ao apelo dos tempos novos. Eis uma de suas lições, em seu relembro discurso da anticandidatura de 1973: — “O desenvolvimento é o desafio da atual geração, pois ou o Brasil se desenvolve, ou desaparecerá”. A liberdade e a justiça social não são meras conseqüências do desenvolvimento. Integram a condição insubstituível de sua procura, o pré-requisito de sua formulação, a humanidade de sua destinação. A liberdade e a justiça social conformam a face mais bela, generosa e providencial do desenvolvimento, aquela que olha para os despossuídos, os subalternos, os desempregados, os ocupados em ínfimo ganha-pão ocasional e incerto, enfim, para a imensa maioria dos que precisam, para sobreviver, em lugar da escassa maioria que tem para esbanjar.

Novembro de 1992

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Sexta-feira 27 2847

Esse é o desenvolvimento preconizado pela Carta das Nações Unidas, e que se propõe a libertar o homem do medo e da necessidade. É o perfilado na Encíclica **Populorum Progressio**, isto é, prosperidade do povo, não do Estado, que lhe é consectária, cunhando seu protótipo na sentença lapidar: — “O desenvolvimento é o novo nome da paz”.

Continuo citando o discurso histórico de Ulysses: — “Desenvolvimento sem liberdade e justiça social não têm esse nome. É crescimento ou inchação, é empilhamento de coisas e valores, é estocagem de serviços, utilidades e divisas, estranhas ao homem e a seus problemas”... A grandeza do homem é mais importante do que a grandeza do Estado, porque a felicidade do homem é a obra-prima do Estado”.

Srs. Congressistas, não sei se alonguei-me em citações de nosso grande líder. Mas creio que não há homenagem maior que a de haurir suas lições, as passagens do ideário político que dão o corte e o perfil do estadista que foi Ulysses Guimarães. Pois, o companheiro que perdemos era um estadista.

José Maria Belo, em sua magnífica “História da República”, observa que a política não é uma carreira. “Se a política fosse uma carreira, e essa carreira tivesse lógica — diz ele —, Antônio Carlos teria sido Presidente da República em 1930”. Com efeito: se a política fosse tal, e essa carreira tivesse lógica, Ulysses Guimarães teria sido Presidente da República. Com sua sabedoria e sua grandeza moral, o País não teria passado os momentos cruciais que viveu até bem pouco tempo.

Tragicamente desaparecido, continua, porém, perto de nós, como o nome tutelar desta Casa que tanto amou e a que tanto serviu. Mas ele mesmo já o dissera no discurso famoso da anticandidatura: “A caravela vai partir. As velas estão pandas de sonhos, aladas de esperança. O ideal está ao leme e o desconhecido se desata à frente. E conclui: “Navegar é preciso. Viver não é preciso”.

Posto hoje no alto da Gávea, espero em Deus que breve possa gritar ao povo brasileiro: “Alvissaras, meu Capitão. Terra à vista”.

“Sem sombra, medo e pesadelo, à vista a terra limpa e abençoada da liberdade.”

Essa, portanto, é a homenagem que prestamos, neste instante, ao grande Presidente Ulysses Guimarães, que continua a ser aquela figura excepcional da vida pública, permitindo-nos seguir os seus exemplos e admirando o trabalho extraordinário que desenvolveu em favor do nosso País. (Muito bem! Palmas prolongadas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Senador Pedro Simon, que falará pelo Senado Federal, nesta homenagem do Congresso Nacional ao grande brasileiro Ulysses Guimarães.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB — RS. Pronuncia o seguinte discurso.) — Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Dr. Itamar Franco;

Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Mauro Benevides;

Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Ibsen Pinheiro;

Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Sydney Sanches;

Srs. Ministros, Srs. Embaixadores, delegações estrangeiras de parlamentares que nos honram com suas presenças, distintas autoridades, Srs. Congressistas, familiares de Ulysses Guimarães, Tito Henrique, Celina e demais familiares:

Há um grande silêncio neste plenário. Há uma grande ausência nestas salas e corredores. Não obstante o silêncio e a ausência, silêncio que perturba os nossos ouvidos, a ausência que fere os nossos olhos, a voz forte de Ulysses Guimarães ecoa na consciência moral deste Parlamento, de nosso povo e do nosso tempo.

Quanto maior o silêncio em nossos tímpanos, quanto maior o vazio à frente de nossos olhos, tanto mais vigorosa a sua palavra, portadora de idéias claras na coragem, tanto maior a sua figura, elevada e sólida, cujos passos cadenciados serviam de símbolo à marcha histórica destas Casas Parlamentares.

Ele não deixou sombras detrás dos seus passos, e sim uma esteira de luzes.

Há homens que nascem para contemplar o mundo e há homens que nascem para construir o mundo.

Como todas as coisas deste Universo que não entendemos, cuja aparência e essência são insondável mistério, o mundo social é um processo, é alguma coisa que se faz todos os dias.

Há homens que se contentam com a rotina, com as muralhas erguidas pela brevidade da vida, e a consomem na volúpia da ostentação.

Há homens para os quais o poder é mera licença para o hedonismo. E há homens, como Ulysses Guimarães, para os quais a alegria está na luta pela ordem que se funda na justiça, pela liberdade que se alicerça no respeito sagrado ao direito alheio.

Ulysses foi o construtor, como foi — e a metáfora se impõe, inarredável — o navegador. Coube-lhe retirar de seu descanso, na admirável biografia que Plutarco traça de Pompeu, a admoestação do grande general aos tripulantes de navios romanos, de que a vida não é necessária, necessária é a navegação (*Navigare necesse est, vivere non est necesse*).

O seu desaparecimento, arpeia-nos a coincidência, confirma-lhe a coragem e a disposição de servir. Tal como Pompeu, diante o porto de Siracusa, ele podia recensear as nuvens que pesavam, negras, sobre o mar, e os ventos que se fechavam para abrirem-se, enlouquecidos, na tormenta.

As horas, porém, exigiam a sua presença, reclamavam os seus conselhos, como no passado, a população de Roma aguardava o trigo da Sicília. Era preciso navegar, e Ulysses embarcou-se no frágil aparelho, mais frágil do que as embarcações romanas de Pompeu, em companhia de Mora, Severo e Henriqueta.

A frase de Pompeu não pode, porém, aplicar-se às novas circunstâncias que nos sítiam. Era preciso navegar, sim, mas, mais do que navegar, era preciso que Ulysses vivesse. Era preciso navegar e era preciso viver.

Daqui desta tribuna, vejo-o, ainda, a nos orientar “com a embriaguez da aventura no coração, pando de sonhos e alado de esperanças”, como fez em tantas oportunidades, indiferente aos riscos próprios das empreitadas cívicas pois, como disse, em 1973, quando lançado “anticandidato” à Presidência da República:

“A estátua dos estadistas não é forjada pelo varejo da rotina ou pela fisiologia do quotidiano.”

De fato as miudezas e o ramerrão jamais o seduziram. Envolto por seus ideais de liberdade e de democracia, viveu como poucos: sinceramente comprometido e preocupado com as causas maiores do País. Em um de seus últimos discursos, proclamou esse elemento da própria personalidade, quando